



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE QUÍMICA

Amanda Costa dos Santos

**ESTUDO DE CASO: COMO O PROFESSOR INTERPRETA, A
PARTIR DE SUA EXPERIÊNCIA, A SUA CONDIÇÃO DE
“ESTAR” DOCENTE**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Brasília – DF

1.º/2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE QUÍMICA

Amanda Costa dos Santos

**ESTUDO DE CASO: COMO O PROFESSOR INTERPRETA, A
PARTIR DE SUA EXPERIÊNCIA, A SUA CONDIÇÃO DE
“ESTAR” DOCENTE**

*Monografia de Graduação em Ensino de
Química apresentada ao Instituto de Química
da Universidade de Brasília, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Química.*

Orientadora: Joice de Aguiar Baptista

1.º/2011

DEDICATÓRIA

***DEDICO ESTE TRABALHO A MINHA MÃE, ANGELINA COSTA DOS SANTOS, COM
MAIOR AFETO.***

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO A DEUS, PRINCIPALMENTE, POR TER ME ACOMPANHADO NESSE PERCURSSO, ME CONCEDENDO FORÇA QUANDO MAIS PRECISEI. A MINHA FAMÍLIA, QUE SEMPRE ME APOIOU E LUTOU COMIGO DURANTE ESSES ANOS. AOS AMIGOS, QUE VIVERAM COMIGO MUITO MAIS DO QUE SALAS DE AULA, QUE VIVERAM COMIGO OS ANOS MAIS BONITOS DA MINHA VIDA. AOS PROFESSORES, DESTACANDO A PRESENÇA FUNDAMENTAL DA MINHA ORIENTADORA, JOICE DE AGUIAR BAPTISTA, POR VIVENCIAR E NOS ENSINAR O VERDADEIRO PAPEL DO EDUCADOR. AO COMPANHEIRISMO E INCENTIVO DO MEU NAMORADO, RICARDO LEMOS BEZERRA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. BREVE HISTÓRIA E DESAFIOS DA PROFISSÃO DOCENTE	11
2. O RESULTADO DAS DIFERENÇAS ENTRE O QUE SE CONCEBE E O QUE SE VIVENCIA NA ATIVIDADE PROFISSIONAL	19
3. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICES	37

RESUMO

São perceptíveis as mudanças que ocorreram e ainda ocorrem na educação brasileira. A verdade é que as mudanças não deixarão de acontecer. Esse trabalho perpassa as mudanças que ocorreram desde o século XVIII até os tempos atuais e o trabalho que os professores desempenharam e desempenham. As mudanças que eles tiveram que acompanhar e as dificuldades que eles têm em dominar certas ações e certos valores.

Como consequência do “atraso” de alguns professores – por medo ou até mesmo comodismo - podem ser citadas algumas doenças psicológicas sofridas por estes, ou como é mais conhecido, o mal-estar docente ganha lugar na sociedade atual de professores da educação brasileira. São vários os fatores que podem levar um professor a sentir esse mal-estar. Espera-se que o presente trabalho trate especificamente do mal-estar docente como resultado das diferenças entre o que se concebe e o que se vivencia na atividade profissional. Muitos professores não conseguem acompanhar o que a escola propõe.

Muitos professores não conseguem acompanhar as mudanças na escola e nos educandos e, dessa forma, acabam se frustrando com relação à profissão escolhida. Ao estudar um caso da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, consegue-se observar o que realmente causa, na maioria dos casos, o que é conhecido por mal-estar docente. Depressão, Síndrome de *Burnout* e outras doenças fazem parte desse mal-estar sentido pelos professores, e muitas vezes são tão graves que tiram professores do quadro de Ensino.

Muitos atestados médicos são dados por esses motivos e os professores ficam mais de um mês afastados das salas de aula, aumentando a busca por professores temporários. Para diminuir essa quantidade de professores doentes em sala de aula, faz-se necessário conhecer a

causa raiz do problema, o que pode ser melhorado para que a profissão seja prazerosa a todos e em todos os momentos da vida do profissional, e não somente do início, em que tudo são maravilhas que um dia chegarão ao fim. E, para conseguir esse resultado, é necessária uma boa formação dos profissionais da área e uma busca contínua de conhecimento por parte dos educadores.

Esta Monografia traz um estudo de caso de um professor de Química da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal que mostra qual sua condição de “estar” docente dentro da profissão.

Palavras-chave: mal-estar docente, educação, ensino de Química.

INTRODUÇÃO

É notável a quantidade de afastamentos de professores na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, por razões de saúde. Atestados médicos causados por doenças como estresse, depressão e síndrome de *Burnout* são apresentados nas escolas pelos professores. A quantidade de afastamentos é justificada por fatores como baixo salário, a infraestrutura da escola, a quantidade excessiva de alunos em sala de aula, o desrespeito por parte dos educandos, as modificações ocorridas na profissão e várias outras situações.¹

Diante do que foi apresentado, é fácil aceitar que essas causas são plausíveis, já que a estrutura da escola, por exemplo, é uma condição mínima necessária a uma boa prática educativa. Neste trabalho, através de um estudo de caso, procura-se conhecer e investigar o pensamento do professor, seus sentimentos com relação a sua profissão, na perspectiva de verificar se salário e quantidade de alunos em sala são fatores determinantes na satisfação ou insatisfação de estar docente.

O que pode acontecer com frequência é que o professor que apresenta muitos atestados de saúde pode não gostar de estar na profissão que escolheu, e nela se mantém por comodismo. Na minha vivência dentro do curso de Licenciatura em Química, pude constatar logo no primeiro semestre dos vários que viriam, que diversos futuros professores lá estavam por comodismo. Ao sermos questionados pelos professores logo nas primeiras aulas do semestre de 2006, sobre o porquê da escolha do curso, a maioria dos alunos respondeu “porque é mais fácil do que os outros cursos”, “por que é mais fácil que bacharel” ou ainda

¹ Emocional afasta professores. Correio Brasiliense, Brasília, 14/09/2009. Disponível em < <http://www.correioweb.com.br/euestudante//noticias.php?id=5359>>. Acesso em 13/01/2011.

“por que gosto de química”. Nenhuma resposta, no entanto, evidenciou “gosto de dar aula” ou “quero ser professor”.

Em conversas informais com colegas de semestre, percebi que muitos escolhem o curso de Licenciatura por pensarem que é mais fácil do que o curso de Bacharelado, e acabam sendo professores desestimulados, que entraram na carreira por “obrigação” e que não acreditam no potencial de mudança da profissão. Da mesma forma, muitos alunos foram questionados, ao reclamarem de salários, quantidade de alunos em sala de aula e infraestrutura da escola, se essas informações eram desconhecidas quando se propuseram a entrar em um curso para formação de professores.

Boas condições de trabalho melhoram muito o processo de ensino-aprendizagem, mas diversos outros casos de professores que cumprem seu papel sem uma infra-estrutura adequada mostram que isso pode não ser barreira para o professor ser dedicado e bom no que faz. Entendo que professores que acreditam no que fazem e que sabem que sua profissão é essencial na vida de uma pessoa não são tão facilmente desestimulados por esse tipo de empecilho.

O que acontece é que toda e qualquer profissão exige de quem a pratica muita vontade e dedicação. Não obstante, a profissão PROFESSOR deve exigir essa vontade, já que é um convívio, um compartilhamento de informações, um aprendizado conjunto, e toda essa prática exige se acreditar no que faz. A carreira de professor, por ser tão complexa, tendo que formar cidadãos críticos e estimular o raciocínio e a aprendizagem dos educandos, exige ética e determinação (RAMPINELI, 1991)

Dessa forma e abrangendo esses aspectos que foram levantados, o presente trabalho estuda um caso particular: um professor de Química da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal com possibilidade de ter mal-estar decorrente da insatisfação em sua profissão.

O primeiro capítulo dessa monografia trata basicamente da história da profissão docente e dos desafios que estão presentes nessa profissão, principalmente pelas constantes mudanças pela qual ela passa. Já o segundo capítulo trata essencialmente das diversas causas da insatisfação no trabalho docente. Trata do que é ser professor em sua essência e também das qualidades que esse profissional deve possuir para que o processo de ensino-aprendizagem seja satisfatório. Discute também as falhas dos professores atuais e do por que da quantidade de afastamentos na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Já o terceiro capítulo apresenta o estudo de caso citado anteriormente, com os recursos utilizados para tal estudo bem como a análise dos resultados apresentados. Esse estudo de caso foi realizado com a finalidade de se apresentar a visão do professor sobre sua condição de “estar” docente e, portanto, a pesquisa foi toda voltada para essa finalidade. Após esses três capítulos, tem-se a conclusão do trabalho, com o resultado final das análises realizadas com o professor estudado e uma possível solução para tal caso.

CAPÍTULO 1

BREVE HISTÓRIA E DESAFIOS DA PROFISSÃO DOCENTE

Parece ser notável que todas as profissões trazem prazer e realização quando são executadas por pessoas que gostam do que estão fazendo. A profissão docente não seria diferente. Muitos professores são satisfeitos com o que fazem, outros já não são tanto assim. Os motivos do desgosto pela profissão são vários e das mais diversas gravidades. No entanto, o que deve ser evidenciado é que a atividade docente, antes de ser essa prática formal como conhecida atualmente, realizada nas escolas por profissionais qualificados, foi uma prática comum, simples e “impensada”, e que antecedeu e, sofrendo modificações, deu origem ao que é tido atualmente (NÓVOA, 1999).

Vale lembrar que se esse processo de instrução mudou, e que a formação dos profissionais da área também mudou. E esta monografia destaca atividades que um professor pode e deve exercer em sala de aula, suas dificuldades e o preparo e experiência que ele deve adquirir em sala de aula, eliminando qualquer pensamento de que o professor é um profissional preso ao que lhe mandam fazer e não tem autonomia em sala para trabalhar o que deseja.

É possível perceber que a educação escolar é um processo que está em constante mudança. Quando o processo de escolarização teve início, ocorreu de forma elitizada, fechada para uma classe social alta ligada à Igreja Católica – que também era somente para classe social alta. A educação era tão ligada com a Igreja que os padres eram os professores da época. Cultos, conheciam o latim e o ensino resumia-se às coisas sobre seus próprios mandamentos, sobre os próprios ditos da religião (NÓVOA, 1999).

Algumas mudanças foram acontecendo, não tão rápidas, mas importantes. Uma delas foi a estatização da educação. Houve a substituição dos professores religiosos por um corpo de professores laicos, ou seja, controlados pelo Estado e não mais pela Igreja. Apesar dessa mudança e de os professores não terem o dever de ensinar basicamente “religião”, eles ainda permaneceram muito ligados aos padres. Aos poucos essa estrutura de ensino foi se modificando. Na segunda metade do século XIX, o Estado constituiu os professores como um corpo profissional, com criação de escolas normais para sua formação, tornando-a uma profissão coletiva (NÓVOA, 1999).

Com essas mudanças e com a visão que a sociedade estava criando professores éticos, pesquisadores, inteligentes e cientistas, os anos 1920 foram marcados para eles por uma estabilidade social e econômica. Eles eram bem reconhecidos pela sociedade e eram valorizados pela sua profissão. (FARIAS; NUNES; NOGUEIRA, 2008)

Mas, como já citado, as mudanças são constantes e não foi nesse momento que elas pararam. A educação, após a criação de escolas normais e de formação de um número consideravelmente grande de profissionais da área, passou de elitizada para uma educação massificada. O aumento do número de alunos, na escola de massa, aumentou também o número de professores. Enquanto no século XVIII somente as crianças ricas ligadas à Igreja Católica eram educadas, no fim do século XIX e início do século XX toda a população será educada na escola.

Nesse ponto começou todo o dilema da profissão: a primeira crise. Apesar do prestígio da profissão permanecer, a realidade dentro das escolas mudou. Os professores passaram a trabalhar em mais de uma atividade por ganharem pouco, fazendo com que o tempo dedicado à sala de aula fosse insuficiente. Agora entra a visão da sociedade: a visão idealizada, que se acreditava para a educação, foi mostrada de outra forma, a real. Muitos profissionais não

analisam seus alunos, não preparam suas aulas, não inovam, não controlam e adaptam seu modo de lecionar por falta de tempo dedicado à profissão (NÓVOA, 1999).

Aqui se pode mostrar onde começam as falhas de alguns professores. Atualmente verificam-se muitos profissionais que trabalham os três turnos, em diferentes escolas, ou até mesmo professores que trabalham em outras áreas e que colocam a profissão professor como secundária. ²Assim, esses profissionais prejudicam outros da mesma classe, que realmente gostam do que fazem e se preparam para isso. Esses profissionais que se renovam, se preparam, se inovam e pensam em seus alunos são os verdadeiros professores. São éticos e morais e sabem o poder que sua profissão exerce sobre seus alunos.

Cada professor deve definir seu ritmo. A profissão exige que cada profissional deve aceitar o desafio de ser professor e perceber que a área da atuação profissional docente é a mais qualificada, pois qualifica todas as demais áreas. É ela que sustenta todo o mercado, toda a cidadania e todo conhecimento, por isso deve ser conhecida e reconhecida, pelos próprios profissionais e pela sociedade atual. Como afirma Enguita (2004), toda educação é transformadora, e exige de seus profissionais uma antecipação às mudanças e um acompanhamento do que a sociedade exige.

A Ciência é construída continuamente. Assim como ela, o trabalho docente melhora a cada dia em sala de aula. Constrangimentos, alegrias e dúvidas são fatores que podem ajudar os professores a se desenvolverem, para entrar em sala de aula conquistando seus alunos e realmente usufruindo do poder de sua profissão (PICADO, 2009). É na prática e no esforço que o professor se torna bom, com domínio de eventuais surpresas ou até mesmo de sua rotina.

² Trabalho intenso prejudica saúde dos professores. Saúde em Movimento, Brasília, 04/02/2010. Disponível em < http://www.saudeemmovimento.com.br/reportagem/noticia_frame.asp?cod_noticia=3407> . Acesso em: 16/01/2011.

Ser professor, como afirma Sacristán (1999, p. 65), “é um conjunto de comportamentos que une conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”. De acordo com o mesmo autor, é necessário formar professores que tenham consciência de seu papel e que saibam que ser professor é unir os saberes adquiridos teoricamente com a experiência vivida. É necessário enfatizar que o ensino é uma prática social, pois existe uma interação professor-aluno muito intensa refletindo também a cultura e a sociedade em que se encontram.

E, nas palavras de Enguita (2004, p. 108), “a relação professor-aluno baseia-se em um permanente face a face entre ambos”. Complementando essa ideia, na sala de aula nasce todo dia um compromisso entre o respeito pelas pessoas, por suas necessidades, seus ritmos, seus pensamentos [...] é uma profissão humanista por que passa por um encontro entre dois sujeitos (PERRENOUD, 2001).

A evolução da sociedade e da tecnologia é outro fator que modificou a escola, e a escola sempre modificará. O professor deixa de atuar simplesmente dentro da sala de aula e passa a ter outras responsabilidades: metodologia, avaliações diversas, partilha, importância de conteúdo, comportamento em sala, coordenação, orientação de estudo, contribuição individual aos alunos, organização de atividades, preparo de materiais e muitas outras funções. Todavia, não é isso que é visto nos dias de hoje.

Uma parcela muito grande de professores não se interessa pela organização na qual trabalham como se sua responsabilidade fosse inteiramente dentro da sala de aula (ENGUITA, 2004). Acredito que para modificar essa realidade, os professores devem ser/estar preparados. E para que eles estejam sempre prontos para essas constantes modificações, devem dominar a prática e o conhecimento que envolvem sua área. O conhecimento do professor deve ser produzido constantemente, acompanhando as

modificações da sociedade. Ele deve ter ciência de que não só o aluno aprende em sala, mas ele também, com o próprio aluno (ESTEVE, 1999).

Na realidade da educação brasileira atual é preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) que a escola, juntamente com os professores, alunos e comunidades, tem o direito de escolher a melhor forma de trabalhar, levando em consideração a cultura da comunidade na qual a escola está inserida e dos alunos que a compõem. É claro que a escola sempre viverá com conflitos de pensamentos, valores e de métodos, por ser constituída de diferentes pessoas, mas cabe ao seu corpo integrante trabalhar para superar todos eles, sabendo que outros ainda surgirão (PERRENOUD, 2001).

Infelizmente, essa liberdade proposta em lei não tem sido exercida. Isso é mostrado quando percebemos que a maioria das escolas apresenta a mesma proposta de ensino, com conteúdos seguidos na mesma ordem. Grande parte das escolas e professores aceita a proposta que é oferecida pelas Secretarias de Educação, sem fazer modificação alguma, sem estudar a cultura de seus alunos e sem levar em consideração o que é importante para a formação destes. Dessa forma, estão desprofissionalizando a profissão.

Em vez de colocarem seu papel de professor ético e crítico em prática, aceitam o que lhes é proposto. Muitos são os que não idealizam aulas, não estudam formas diversificadas de analisar seus alunos, não procuram interagir com colegas de profissão, não participam ativamente de reuniões entre Coordenação e professores. Enfim, o que a verdadeira profissão exige não é feito por diversos profissionais da área. Nesse momento ocorre o que é conhecido por desprofissionalização do professor (NOGUEIRA, 2008).

Apesar de a profissão ser cercada de funções muito importantes na formação do ser humano muitas vezes ela não é desempenhada da forma como deveria. Muitos alunos saem prejudicados por conta disso – não têm um processo de ensino-aprendizagem eficaz - e a profissão se desvaloriza cada vez mais, ficando muito diferente do que era visto nos anos

1920. É muito fácil ouvir uma pessoa perguntar a outra que cursa Licenciatura se ela realmente quer ser professor, como se lecionar fosse uma tortura, uma coisa ruim.

As pessoas já não vêem mais o professor como uma pessoa responsável pela formação do outro, mas acredito que o julgam como um profissional pobre, sem opção de outro trabalho, dentro de uma profissão desiludida e de renúncias. Mais uma vez citando Enguita (2004), esse prestígio caiu não por que a formação do professor tenha piorado, mas sim por que simplesmente não melhorou. As mudanças sociais modificaram também a visão que se tinha do professor, agora o ensino é de massa, o número de professores efetivos é insuficiente para a quantidade de alunos. Isso fez com que muitos professores não acompanhassem esse processo deixando-os inseguros com relação à profissão (ENGUITA, 2004).

Nesse momento, é importante que aquele que deseja ser professor seja verdadeiramente preparado para isso e que saiba atender a essas críticas positivamente, tentando provar o contrário. É importante que o professor consiga aproveitar ao máximo o espaço que ele tem. O professor pode intervir no que o afeta como profissional, ser participativo.

Voltando a questão da insegurança trazida pelos atuais tempos da educação, e como afirma Picado (2009), ela pode ser boa ou ruim. De acordo com esse autor, no primeiro caso, o professor transforma essa insegurança ou esse mal-estar em atitude e resolve modificar o que lhe prejudicou de alguma forma. No segundo caso, o professor está acomodado a sua forma de trabalhar e não modifica nada, mesmo estando inseguro. Vários outros fatores podem trazer um mal-estar ou insegurança ao profissional e, para que se consiga modificar isso, deve-se trabalhar no que pode ser sua causa raiz, como: formação inicial do professor, materiais disponíveis para aulas, carga de trabalho, salários etc. (ENGUITA, 2004).

Muito diferente da forma que se pensava antes, a educação hoje não é vista como uma coisa inacessível, pelo contrário, exige-se mais dos professores e alunos por ela ter se tornado

geral e massificada. Os professores e a própria educação já não recebem mais o apoio que deveriam receber dos pais e da sociedade, pois para eles a escola se tornou um “mercado” nos quais se desenvolvem estratégias individuais e os alunos consideram-se consumidores de um produto – o ensino (PERRENOUD, 2001).

O educador deve ser considerado como autoridade em sala de aula.³ Mesmo que essa autoridade seja branda e amiga, e não visto pela sociedade como um profissional que não conseguiu nada melhor e que ocupa o lugar em que está para não ficar desempregado. O aluno deve encarar o professor como alguém que lhe pode ajudar de alguma forma, numa relação afetuosa, mas o que acontece atualmente é que a relação professor-aluno é muito conflituosa (MÜLLER, 2002).

Nas palavras de Perrenoud (2001, p. 33), “[...] o professor alcança seu principal objetivo quando o aluno não precisa mais dele”. No entanto, isso só acontece quando o professor coloca em prática seu papel de educador e o aluno seu papel de aluno. É fácil notar que o papel do professor só acabará quando o aluno for por completo formado, tanto educacional como socialmente, no sentido de que ele não precisará, necessariamente, de um professor ao seu lado para aprender novas coisas, e isso não é um processo rápido.

Para Nóvoa (1999, p. 131), o próprio professor deve sentir-se responsável pelo que faz, o autor refere-se a essa responsabilidade quando afirma que quando a criatividade do professor dá certo, “são eles que estão a fazer com que as coisas aconteçam”. Ao contrário de acreditar que a profissão realmente é ruim e desvalorizada, os professores podem usar a imaginação, serem inovadores e flexíveis, usarem do improviso e experimentação para poder mudar a visão que se tem atualmente. Enquanto vários profissionais fazem jus ao que se acredita da educação hoje, muitos outros se destacam e conquistam seu espaço, e são esses os profissionais realmente preparados para enfrentar uma sala de aula com 40 diferentes alunos,

³ A autoridade do professor. TAYANO, E.; CORTE, A. F. O Estado de São Paulo, 22/01/2008. Disponível em <<http://www.contee.org.br/noticias/artigos/art52.asp>> Acesso em: 16/01/2011.

com pensamentos e opiniões distintas. Como afirma Perrenoud (2001, p. 84), “a gestão da sala de aula envolve profundamente a pessoa do professor naquilo que ele tem de mais íntimo, naquilo que se refere a sua identidade”, e é por esse e outros motivos que o contexto escolar deve ser estudado.

Tudo isso que foi apresentado deve ser revisto na educação brasileira atual. Principalmente, como afirma Maria Helena Cavaco (1999), no que diz respeito ao constante aprimoramento do professor e sua formação, que não finaliza ao término de um curso superior, pelo contrário, ele está em constante desenvolvimento. O professor tem um leque tão grande de funções que já não consegue cumprir bem sua função de professor.

Dessa forma, este trabalho busca estudar o cotidiano escolar de um professor de Química do Ensino Médio evidenciando sua forma de estar docente no processo educacional atual. E ainda, como tratado no capítulo seguinte, mostra qual é o resultado do que acontece quando o professor concebe uma visão de sua profissão e não a vive na atividade profissional.

CAPÍTULO 2

O RESULTADO DA DIFERENÇA ENTRE O QUE SE CONCEBE E O QUE SE VIVENCIA NA TIVIDADE PROFISSIONAL

Acredito que o ensino é muito mais do que uma transmissão de conhecimento. O ensino é um compartilhamento de ideias, vivências e experiências individuais que, aos serem trocadas e internalizadas, constroem o chamado aprendizado significativo – aquele que não é esquecido após um tempo, pois foi de real importância para o aprendiz e ficará com ele o tempo que ele considerá-lo importante. Para isso, deve-se despertar curiosidade e vontade de aprender, ensinar para a vida e para novos relacionamentos (ROGERS, 1985). Os desafios educativos existentes atualmente são muitos e constantes. Antes, como já falado, uma prática que se restringia à classe alta passou a ser trabalhada em massa, o que torna o trabalho do professor cada vez mais complicado.

Ser professor é lidar com mudanças constantes, é trabalhar em sala de aula e em casa, preparando lições, avaliações, aulas (PICADO, 2009). É ter um momento com outros professores para discutir os problemas da escola, ter disposição empática de conhecer os alunos (FREIRE, 1996). Por tudo isso nota-se que é muito difícil uma pessoa que não gostaria de ser professor, que sonha para si outra profissão, sê-lo de uma forma correta – como citado anteriormente por Picado (2009), de transformar essa atividade em uma arte, e transformar uma sala de aula em um local prazeroso para o aluno.

É fácil entrar em sala de aula e lecionar para quem quiser ouvir e participar, preparar uma aula simples, com tarefas e conteúdos no quadro do que conhecer todos os alunos e trabalhar “individualmente” com cada um deles. O difícil é convencer certos profissionais de que “passar os conteúdos dos livros didáticos no quadro” não é ser professor. De que a

atividade docente não é tão simples assim (SCHNETZLER; ARAGÃO, 1995), pelo contrário, é uma atividade de grande impacto emocional, potencialmente geradora de emoções negativas ou positivas (BARROS, 2000). A escolha de uma profissão contribui decisivamente para a formação da identidade do indivíduo e conduzem a diferentes graus de satisfação (KANAANE, 1994; BARROS, 2000). A questão é que profissionais que não gostam realmente do que fazem não dão o valor devido à atividade. Como consequência, muitos motivos são apresentados para se faltar ao trabalho, e um deles é o surgimento de doenças, principalmente as psicológicas.⁴

Somente em 2009, os professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal apresentaram mais de 30 mil atestados. O abuso, como é considerado pela Secretaria de Educação, mostra o quanto os professores não gostariam de estar em uma sala de aula. Para resolver tal problema, desde 2007 os professores têm de passar por perícia, mesmo que o atestado represente um dia de trabalho perdido. Ainda assim, esse número de 2009 é considerado alto⁵.

Os motivos utilizados pelos professores para explicar aquela quantidade de afastamentos são doenças como estresse, depressão, varizes, síndrome do pânico e síndrome de *Burnout*. Esta última, de acordo com Maslach e Jackson (1981), é um processo lento e gradual, resultante do estresse prolongado que leva primeiramente a exaustão emocional seguida da perda de realização pessoal.

No entanto, é necessário verificar em cada caso se esse é realmente o verdadeiro motivo desses afastamentos. É óbvio que um professor pode sim ter alguma doença em decorrência de sua profissão, mas o abuso em utilizar-se disso para o afastamento da sala de

⁴ Trabalho intenso prejudica saúde dos professores. Saúde em Movimento, Brasília, 04/02/2010. Disponível em < http://www.saudeemmovimento.com.br/reportagem/noticia_frame.asp?cod_noticia=3407> . Acesso em: 16/01/2011.

⁵ Educação. Jornal de Brasília, Brasília, 14 set. 2009. Disponível em: <<http://www.jnbrasil.com.br/mais-noticias/45-educacao>>. Acesso em: 13 jan 2011.

aula é falta de ética e de crença em sua profissão. A realidade é que para professores que acreditam no que fazem as situações difíceis que vivenciam tornam-se desafios que desenvolvem competências e estratégias para contorná-los.

Como afirma Oliveira (2006), é necessário que os professores vejam a escolha do magistério como uma missão, ou ainda envolver com uma tonalidade “gloriosa” as tarefas do cotidiano. Ao crer nisso, o educador, em vez de desenvolver um mal-estar, desenvolve o chamado bem-estar docente. Aquele que é caracterizado pela motivação e realização do professor em virtude das estratégias adotadas em sala ao se depararem com situações complicadas (PICADO, 2009). E ainda de acordo com Oliveira (2006), chega um momento de esgotamento tão grande nos professores, que o escape deles é a fuga da sala de aula, fato comparado às falas do Gato de Cheshire no livro “Alice no país das maravilhas”, os professores só querem sair de onde estão – da sala de aula – sem se importar para onde estão indo.

O que se consegue notar é que quando uma pessoa entra na profissão por escolha, ou quando acredita que seu ofício é uma tarefa relevante, ela engrandece uma sala de aula principalmente no seu relacionamento com os alunos. Professores com o bem-estar docente desenvolvem o bem-estar dos alunos (JESUS; ABREU, 1994). Isso faz com que a sala de aula não passe a ser uma tortura após anos de profissão, mas que, pelo contrário, o professor busque cada vez mais deixar marcas na vida de cada um. Por outro lado, quando uma pessoa entra na profissão por falta de opção, ou porque achou que esse fosse seu caminho, quando na verdade não era (o que normalmente pode ser percebido durante o curso de licenciatura, mas o tempo passado dentro da faculdade é suficiente para que não se volte atrás), ela diminui de tal forma seu papel como educador que a sala de aula torna-se chata, repetitiva e cansativa. Nesse ponto, o professor abre mão da crítica de seu ofício, considerando-se apenas um

“vendedor de conhecimento” e manifesta um desejo de abandonar a docência (PICADO, 2009).

Quando o educador trata sua profissão com orgulho, ele acaba tendo uma relação com seu local de trabalho, atribuindo a ele sentimentos, qualidades humanas, quase vida própria (FREUD, 1997). Por tal motivo, a vivência dele com seus alunos na escola torna-se agradável, tanto para ele quanto para os alunos. Esse relacionamento é tão importante para o professor que sua profissão passa a ter um significado concreto de transformação da realidade (MARX, 1974).

Jesus (1998) ainda frisa a importância da qualidade da relação entre professor e aluno, mostrando que a forma com que o professor atua em relação aos outros é a forma com que os outros atuarão sobre ele – comportamento gera comportamento, agressividade gera agressividade.

Mais uma vez, faz-se necessário lembrar que o professor sofre sim pressão e tensões no dia-a-dia de seu trabalho. A questão é se essa pressão é realmente o motivo para o afastamento da sala de aula ou não se ele tem o ânimo necessário a quem ingressa nessa profissão.

Tudo o que foi tratado neste capítulo foi foco de reflexão aplicado à prática no estudo de caso realizado com um professor de Química do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Com isso, teve-se o objetivo de mostrar, como o próprio título do capítulo afirma, “o resultado das diferenças entre o que se concebe e o que se vivencia na atividade profissional”.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

De acordo com o que se aprende e pratica durante toda graduação em Licenciatura, a relação professor-aluno deve ser agradável para ambos. Da mesma maneira deve ser a relação pesquisador-objeto de pesquisa. Isso acontece porque os resultados da pesquisa só se apresentarão suficientemente bons se essa ligação permitir. Quanto melhor é essa relação, quanto mais foco no objetivo o pesquisador tiver, melhor será o resultado dessa análise.

A escolha pela metodologia qualitativa, em específico o estudo de caso, se deu pelo que foi citado por Chizotti (1991, p. 79):

O mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto coletivo entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como importantes e preciosos: a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto.

Partindo do descrito, optou-se pelo estudo de caso, sendo que um professor de Química do Ensino Médio foi acompanhado, fazendo-se uso de entrevista semiestruturada (Roteiro: Apêndice 1), com questões voltadas para o objetivo central da pesquisa: evidenciar, nesse caso, como o professor interpreta, a partir de sua experiência, a sua condição de “estar” docente. Foi estudado um caso em uma escola do Distrito Federal para que o contexto escolar fosse também evidenciado.

Sabe-se que toda profissão gera desgaste após um tempo, por isso as férias são periódicas. No entanto, procurou-se identificar, no estudo de caso, se o desânimo sentido por professores é decorrente das condições de trabalho ou de um desejo escondido – a de não ter por vontade

essa profissão. Para isso fez-se necessário a “ênfase na singularidade, no particular” (ANDRÉ, 1984).

A entrevista (Apêndices 01 e 02) teve como objetivo coletar dados que foram complementados com as análises das observações feitas em sala de aula. O professor respondeu as questões de acordo com o que acredita ser verdadeiro, de acordo com o que aprendeu em sua vivência como professor.

Algumas aulas dadas pelo professor foram analisadas com a finalidade de se comparar o que é vivido pelo professor e o que foi falado por ele na entrevista, no que se refere principalmente a sua prática no relacionamento professor-aluno. O contexto da sala de aula foi observado por três alunas da matéria Estágio em Ensino de Química, que registraram as aulas em portafólios. É importante evidenciar que tanto as observações de aula como a entrevista ocorreram em períodos diferentes, de forma a obter o máximo de detalhes possíveis, já que esse é o objetivo do estudo de caso. O foco de observação, desta forma, abarcou também o contexto em que se enquadra o professor, de forma a considerar o que é vivido por ele, e não somente o falado.

Também foi um objetivo da pesquisa propiciar ao entrevistado uma situação de liberdade, de participação efetiva, de diálogo com o entrevistador, para que dessa forma ele se sentisse à vontade em dizer o que realmente pensa sobre as questões propostas. Uma mescla entre entrevista e conversa/observações, foi o que movimentou e se registrou como o estudo desse caso.

Dessa forma, essa metodologia permitiu uma comunicação maior e melhor estruturada entre o pesquisador e o objeto de estudo, permitindo análise em profundidade e como citado por Campomar (1991, p. 96), “envolver a análise intensiva de um número relativamente pequeno de situações [...]. É dada ênfase à completa descrição dos fatores de cada situação, não importando os números envolvidos”.

O participante escolhido foi um professor de Química do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, que formou-se em 1998 na Universidade Estadual de Minas Gerais e leciona há 11 anos. Já trabalhou em escolas de várias cidades satélites como Gama, Samambaia, Taguatinga e atualmente trabalha na Asa Norte. O professor não foi escolhido aleatoriamente. Pelo contrário, buscou-se esse contato justamente pelo seu histórico, nas observações de aulas registradas pelos estagiários, de não apresentar intenso envolvimento na relação professor-aluno.

O material utilizado para a coleta de dados da entrevista semiestruturada foi um notebook, onde foram registradas as respostas dadas pelo professor. Além do material utilizado na entrevista, utilizou-se também observações de aulas feitas por três alunos da matéria Estágio em Ensino de Química 01 e 02 do curso de Licenciatura em Química que acompanharam o professor⁶.

A entrevista semiestruturada foi realizada na Universidade de Brasília, aproveitando-se o momento em que o professor frequenta esse local para a conclusão de seu doutorado. Tanto as observações de aulas feitas pelas alunas de Estágio como a entrevista semiestruturada foram recolhidas para análise. Como a entrevista foi realizada fora do ambiente escolar do professor, foram comparadas também as respostas dadas pelo professor em certas perguntas com o que ele realmente vivencia em sala de aula, na relação com os alunos. Isso para confirmar seu estado em dar aula ou para identificar se há uma contradição entre o que ele falou e o que ele vive. Buscou-se identificar, através das fontes consultadas, a que causas o professor atribui o cansaço docente e o que o motivou a escolher essa profissão.

As observações das aulas dadas bem como a entrevista mostraram resultados muito importantes ligadas à formação do professor bem como sua concepção da profissão. Na maioria das perguntas diretas, realizadas através da entrevista, o professor respondeu gostar

⁶ Foram analisadas as observações de aulas e dados sobre a prática docente em três portafólios, o que corresponde ao registro de uma quantidade mínima de trinta aulas.

da profissão e não se arrepende de tê-la escolhido. Em outros momentos registrados, o professor se mostra muito descontente e desestimulado em sua profissão, principalmente quando as observações das aulas são analisadas.

Como dito em todo referencial teórico, a profissão docente exige do educador algumas atitudes essenciais em sala de aula, para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficiente. Nas palavras de Freire (1996, p. 43), quando introduz uma sessão em seu livro tão importante para a área educativa – Pedagogia da Autonomia - “ensinar exige alegria e esperança”. E é justamente nessa sessão que Freire trata de um fator muito importante que deve estar presente na sala de aula: a problematização do futuro.

Para Freire (1996), é somente problematizando uma situação que se busca uma solução para ela. No entanto, algumas atitudes das observações de aulas e palavras ditas pelo professor na entrevista mostram o contrário do que diz Freire (1996, p. 44): “a desproblematização do futuro”.

O que acontece no cotidiano em sala de aula do professor estudado pode ser considerado como uma desproblematização do futuro de seus alunos. Inferência evidenciada na resposta da entrevista, em que o professor afirma que é normal os alunos não gostarem de Química e que é normal que eles achem a matéria difícil. Esta aceitação implica que o professor desproblematizou essa dificuldade e, sendo condição óbvia, não busca solução para esta situação, uma vez que para ele isso não é problema.

Como escrito em uma das observações de aula feitas por alunos do Estágio, “talvez o que mais tenha chamado atenção em todo o tempo que tenho tido com o professor, tenha sido a sua falta de animação e entusiasmo dentro de sala”. Isso demonstra o que ele respondeu em uma das perguntas feitas a ele durante a entrevista, quando afirma que se pudesse trabalharia na área de pesquisa, que é a que ele realmente se interessa.

Também se observou o quanto o professor está preocupado com a sua saúde e com a estrutura de seu ambiente de trabalho. Durante a entrevista o professor falou que a vida útil dos professores cada vez mais está diminuindo, e que em seu caso ele pretende que isso não ocorra. Para isso, justifica o professor que está disposto a lecionar utilizando apenas um recurso didático: apresentação em Power Point.

Analisando tal fato, percebe-se que ele desconsidera que diversas oportunidades devem ser dadas aos alunos, para aprender a importância da variedade de recursos para as aulas, de realização de experimentos, de leitura de textos, de observação de vídeo e fatos do cotidiano e até mesmo da utilização da lousa em momentos que realmente é mais fácil para o aluno entender no quadro, com o professor explicando passo a passo.

Todas essas são situações que não foram praticadas em dezenas de aulas observadas. O registrado nestas foi a transmissão de uma informação pronta. É possível estimar que o professor esteja pensando somente nele e em manter, conforme sua concepção, sua saúde para chegar a sua aposentadoria bem.

As observações de aula indicam que o professor tem certo domínio do conteúdo, mas que lhe falta didática com os alunos. O professor não dá espaço para as dúvidas dos alunos e, quando dá, os alunos não se sentem a vontade para isso. A exposição é rápida, o professor não utiliza o livro proposto pela escola – Química e Sociedade -, as exposições orais são rápidas e os alunos demonstram entender pouco o conteúdo dado.

Nesse sentido, ressalta-se que para ensinar é preciso saber mais do que o conteúdo químico. Como afirma FREIRE (1996, p.27), “ensinar não é transferir conhecimento”, e em desarmonia com tal afirmação, o professor mostra-se despreocupado com a aprendizagem de seus alunos.

É perceptível que para o professor, o ensino resume-se à transmissão de conhecimento, quando na realidade, “não há aprendizagem sem uma interação, sem uma relação professor-aluno baseada num permanente face a face entre ambos” (ENGUITA, 2004, p. 108).

Evidências encontradas no processo de ensino-aprendizagem do professor estudado mostram que o que ele vivencia, em sala de aula, é bem diferente do que os diversos autores estudados no referencial teórico desta monografia propõem. Em resposta dada na entrevista contraditória a sua atitude, o professor afirma que gosta de ser professor, principalmente por conviver com pessoas sadias, diferente de um médico ou um policial, por exemplo. No entanto, os registros das observações de aula feitas pelas alunas do Estágio mostram que ele não demonstra esse “gostar”, principalmente por começar suas aulas constantemente atrasado, por ministrar aulas expositivas somente, com explicações rápidas e sucintas, por não pedir a participação de seus alunos etc.

Destacando a importância do que diz Sacristan (1999, p.65) quando afirma que “ser professor é um conjunto de comportamentos que une conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”, entende-se que falta muito para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficaz no caso estudado. E para complementar o que disse Sacristan, pode-se utilizar Freire (1996), que em *Pedagogia da Autonomia* lista uma série de atitudes que um professor deve possuir para realmente ensinar, a saber: rigorosidade metódica na preparação das aulas; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a discriminação⁷.

Freire (1996) destaca, na mesma obra, os valores necessários à prática educativa, enumerados: reflexão crítica sobre a prática o reconhecimento e a assunção da identidade

⁷ Como citado, ao desproblematizar o ensino-aprendizagem, o professor não busca conhecer os saberes dos educandos, não tem crítica em relação ao ensino e tampouco valoriza seu tempo de aula, na medida em que não respeita horário e a preciosidade do tempo em que fica com os alunos.

cultural; consciência do inacabado; reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia do ser do educando; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção de que a mudança é possível; curiosidade; segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade a autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; querer bem aos educandos⁸.

Outro ponto da entrevista muito importante foi o professor falar que pensou em ser professor de Química pela primeira vez quando surgiu o concurso na área, e que isso traria estabilidade para ele. Essa estabilidade citada pelo professor é a de que não ficará sem emprego, a estabilidade que qualquer concurso público pode oferecer. E como, à época do concurso, tinha se formado em Química há dois anos, aproveitou a situação para ter essa estabilidade. No entanto, ao responder outra pergunta, o professor fala que não tem uma estabilidade financeira, ou seja, que seu objetivo ao entrar na carreira não foi alcançado, e que até tentou lecionar os três turnos, mas que isso diminuiu sua qualidade de vida.

Ao analisar essas respostas, pode-se perceber que ele não entrou na profissão por gostar de ser professor ou menos ainda por acreditar no potencial de sua profissão. Entrou na profissão para ganhar uma estabilidade que atualmente não lhe agrada e dessa forma faz de tudo para chegar ao final de sua carreira com saúde, independente de prejudicar ou não a qualidade da aprendizagem de seus alunos. Apesar dessa situação, não saiu da profissão, mas manteve-se nela idealizando que para conseguir chegar até o final – até a aposentadoria - deve se prevenir com relação às doenças causadas “pela sala de aula” da maneira que menos lhe cansa, sem pensar na eficácia do ensino que ele oferecerá aos seus alunos.

⁸ Em relação aos sentimentos e valores, nota-se no professor a falta de esperança, o excesso de liberdade, a falta de diálogo e conseqüentemente sua posição ideológica.

Ao contrário do que faria um professor que leciona por vontade e prazer, o professor optou pela inércia, de não se preocupar com a qualidade do ensino praticada aos seus alunos, mas de se preocupar com o seu bem estar. Por tal motivo pode-se perceber o porquê de seus alunos não gostarem de suas aulas ou até mesmo do próprio professor (notado nas observações de aula). Comportamento gera comportamento, agressividade gera agressividade (JESUS, 1998). E pode ser por esse motivo que a relação com seus alunos seja difícil. E assim sendo, a aprendizagem nunca será significativa. Nas palavras do próprio professor, “os alunos preferem as aulas das estagiárias que estão me acompanhando esse semestre”, e isso mostra que as aulas e a forma com que o professor leciona não agradam os alunos.

Mais um ponto em destaque na entrevista foi a resposta dada à penúltima pergunta feita: “Fale sobre algum fato marcante que aconteceu no contexto escolar.”. A resposta para essa pergunta foi surpreendente, pois para a maioria dos professores que buscam melhorar a cada dia em sua profissão e que reconhecem o verdadeiro valor dela, uma nota boa de um aluno, o acesso à universidade, uma troca de experiência positiva na escola, ou ainda uma mensagem de carinho de algum aluno em reconhecimento ao seu trabalho seria um fato marcante. No entanto, apenas coisas ruins marcaram seu contexto escolar, ou pelo menos foram esses momentos os lembrados quando da entrevista.

Finalizada a pergunta, o silêncio e em seguida o sorriso dado pelo professor já demonstraram que o que seria dito por ele não seria coisa boa. O professor recordou-se de intrigas com outros professores e afirmou que não queria falar muito por que “não queria recordar as coisas marcantes de seu contexto escolar... lembrar coisas ruins não é bom”. Depois disso, falou que uma das coisas que o chateavam muito eram as intrigas entre professores. Dessa forma, pode-se notar que o professor estudado não tirou nada de bom e aproveitável da sua convivência com seus alunos.

Imagino que, durante todo o curso de Graduação e até mesmo durante o Ensino Médio, será difícil você estudar com algum professor que nunca contou uma vivência positiva na escola, que não expresse de forma carinhosa sua relação com alunos, ou até mesmo com outros professores. É difícil acreditar que mesmo lecionando há 11 anos o professor estudado não tenha um acontecimento positivo que tenha marcado sua profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com tudo que foi descrito neste trabalho e em concordância com as palavras de FREIRE (1996, p. 11, 27 e 56) quando afirma que “Não há docência sem discência”, que “Ensinar não é transferir conhecimento” e que “Ensinar é uma especificidade humana”, conclui-se do estudo de caso realizado que para o professor, a profissão na qual se encontra serve simplesmente para lhe trazer estabilidade. Que, ao agir da forma que age, está desprofissionalizando sua profissão (NOGUEIRA, 2008), pois não acredita na potencialidade dela e nem busca crescer com ela. Ao contrário, ao acreditar que não há problema em não se gostar de Química e em achá-la difícil, está também desproblematizando, conforme Freire (1996), o contexto escolar no qual está inserindo, sem buscar modificações para essas situações que devem sim ser consideradas problemas.

Ao evidenciar que já não entrou na profissão por vontade de atuar na área, mas sim por possuir uma estabilidade que viria com qualquer outro emprego público, e ao agir da maneira que age em sala de aula, sem procurar conhecer e, portanto, sem levar em consideração a opinião de seus alunos, o professor mostra que, como muitos, entrou em uma profissão na qual não gostaria de estar e acaba prejudicando seus alunos, que estando na escola podem ser excluídos ao direito de ter uma aprendizagem eficiente.

Essa característica é perceptível em alunos do curso de Química que fazem licenciatura apenas para apresentar um duplo curso, e que não se dedicaram às matérias de Educação durante a graduação como deveriam e nem tinham vontade de atuar na profissão, mas que por algum motivo acabaram dentro de uma sala de aula

Dessa maneira, o professor, se exigido no desenvolvimento das competências necessárias aos docentes, para a sociedade atual, talvez apresente uma doença por justificar sua prática. Desta forma, ao invés de tentar melhorar e se dedicar à profissão, agravando seu caso, o professor busca “não se cansar em sala de aula”. Usando suas próprias palavras: “sei o que vem pela frente e por quanto tempo terei que enfrentar essa situação, diferente das estagiárias, que darão dez aulas somente e se preparam para isso. Por isso passarei a dar aulas em Power Point, para evitar escrever no quadro e ficar andando pela sala.”. Essa frase do professor mostra mais uma vez a preocupação que ele tem com seu bem estar e a despreocupação com seus alunos.

Em sua concepção, se o professor analisado buscar uma maior interação com seus alunos e tentar fazer com que o processo de ensino-aprendizagem se forme verdadeiramente eficiente, sua profissão poderia se tornar sacrificante e culminar em alguma doença. No entanto, como o professor acredita que isso pode lhe prejudicar, ele simplesmente busca não se cansar, mostrando mais uma vez seu desinteresse com relação a profissão, que é muito mais do que dar aulas.

Por tal motivo, esse trabalho contribuiu para mostrar que as “doenças” adquiridas durante a profissão docente não necessariamente advém da estrutura da escola, do salário ou da quantidade de alunos em sala. Essas “doenças” adquiridas podem vir de uma vontade intrínseca de não ser professor. De um comodismo na profissão que acaba prejudicando os dois lados envolvidos: alunos, que não gostam de Química, e professores, que culpam diversos fatores possíveis, menos a falta de vontade de estar em uma sala de aula, como fator primordial.

Acredito que a formação de professores deve evidenciar durante toda a graduação as dificuldades e as grandezas da profissão. Afinal, como dito anteriormente, ser professor não é

tão simples, é lidar com pessoas que tem por direito acesso ao conhecimento, é uma responsabilidade imensa, que envolve a formação de pessoas interessadas em um futuro.

Deve-se também ter a consciência de que ser professor não é fazer de qualquer maneira, que para estar em uma sala de aula é necessário gostar, tentar, conviver, aprender, ensinar etc. Que não se deve estar em uma sala de aula por comodismo, pois isso prejudica muitas pessoas que não deveriam estar sendo prejudicadas por um erro pessoal, de não buscar trabalhar no que realmente gosta.

Como observado por mim no semestre em que entrei e durante todo o curso de Licenciatura em Química, muitos são os alunos que ingressam nesse grau acadêmico por que “é mais fácil”, mas não é isso que deveria acontecer, ainda mais em se tratando de uma profissão tão importante como a de professor.

Trabalhar em uma sala de aula sem querer estar nela traz problemas tanto para o próprio profissional, que poderá desenvolver doenças e/ou desgosto pela profissão, quanto para os alunos, pois acarreta um processo de ensino-aprendizagem ineficaz. E isso, ao contrário do que é “aprendido” pelos alunos das Licenciaturas, passa longe de um objetivo profissional do docente. O professor que percebe que esse processo não está sendo eficiente, deve buscar formas de contornar essa situação e melhorá-la. E se isso não for possível, o professor pode estar no local de trabalho errado.

Retomando Freire (1996) e a consciência do inacabamento, destaca-se a importância da boa formação de professores bem como uma contínua busca por aprendizagem por parte desses profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M. **Livro sobre nada**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAMPOMAR, M. C. Do uso de estudo de caso em pesquisas para dissertações e teses em administração. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 26, n. 3, Jul/Set. 1991.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, Cortez, 1991.

ENGUIITA, M. F. **Educar em tempos incertos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo, Edusc, 1999.

FARIAS, I. M. S.; NUNES, A. I. L. B.; NOGUEIRA, D. L. **Narrativas e Práticas sobre o ofício de professor**. Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. **O mal-estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores**. Estratégias para realização e desenvolvimento profissional. 2. ed.. Porto: Porto Editora, 1998.

JESUS, S. N.; ABREU, M. V. Projecto profissional e expectativas de realização dos professores – um estudo exploratório. **Inovação**, 1994.

KANAANE, R. **Comportamento Humano nas Organizações: O homem rumo ao Século XXI**. São Paulo: Atlas, 1994.

LOPES, A.; PICADO, L. **Concepção e Gestão da Formação Profissional Contínua**, Lisboa: Edições Pedagogo (no prelo).

MARX, K. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced Burnout. **Journal of Occupational Behavior**. New Jersey, v.2, p.99-113, 1981.

MÜLLER, L. S. **A interação professor-aluno no processo educativo**. Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Ano III, n. 31, Nov.2002.

NOGUEIRA, M. O. G. **O processo de profissionalização-desprofissionalização docente: a formação e o trabalho dos professores no Brasil**. Pontífca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

NÓVOA, A. *et alii*. **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, E. S. G. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências & Cognição**, Ano 03, Vol. 07, 2006.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PICADO, L. **Ser professor: do mal-estar para o bem estar docente**. O portal dos Psicólogos, Rio de Janeiro, 2009.

RAMPINELI, E.F. Ser ou estar professor? A construção da ética no contexto escolar. **Linhas**, Santa Catarina, v. 02, n. 01, 2001.

ROGERS, C. **Liberdade de aprender em nossa época**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1985.

SACRISTÁN, J.G. **Poderes instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. Original em espanhol.

SCHNETZLER, R. P.; ARAGÃO, R. M. R. Importância sentido e contribuições de pesquisas para o ensino de química. **Química Nova na Escola**, n. 1, p. 27-31, mai., 1995.

Apêndices

APÊNDICE 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- Há quanto tempo leciona?
- Quando pensou em ser professor (a) de Química pela primeira vez? Por quê?
- Durante a graduação, pensou em desistir em algum momento? Se sim, por quê?
- Gosta de ser professor?
- Trabalhou em muitas escolas?
- Que funções já exerceu no contexto escolar?
- Considera-se bem-sucedido profissionalmente?
- Se pudesse, teria outra profissão? Se sim, qual?
- Acredita que a formação é concebida como algo que “se tem” ou algo que se “recebe”?
- Em sua opinião, como se forma uma pessoa?
- Em sua opinião, há ligações entre a formação profissional e a formação pessoal? Se sim, quais seriam?
- Como considera sua relação com os alunos em sala?
- A quais causas atribui o cansaço decorrente do exercício da profissão docente?
- Quais aspectos você considera agradáveis na profissão docente?
- Quais aspectos você considera desagradáveis na profissão docente?
- Qual é relação da sua vida pessoal com o trabalho?
- Fale de alguns fatos marcantes ocorridos no seu ambiente de trabalho.

APÊNDICE 2

RESPOSTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- **Há quanto tempo leciona?**

R: 11 anos. Formou-se em Ituitaba, Minas Gerais, na Universidade Estadual de Minas Gerais – UFMG

- **Quando pensou em ser professor (a) de Química pela primeira vez?**

Por quê?

R: Pensei em ser professor de Química devido à estabilidade financeira oferecida pela profissão. Fiz o curso de licenciatura e enfrentei essa opção no ano de 2000 por que pensei na estabilidade que teria caso passasse. O outro lado positivo que me fez decidir trabalhar na profissão foi o fato de conviver com pessoas saudias, boas e ter a oportunidade de se relacionar bem com elas, diferentemente de um médico – que trabalha com pessoas doentes- ou de um policial – que trabalha com marginais.

- **Durante a graduação, pensou em desistir em algum momento? Se sim, por quê?**

Não. Minha graduação, consegui terminá-la no tempo normal do curso, de 4 anos, mas não pensei em desistir de fazê-la não, principalmente por já ter começado.

- **Gosta de ser professor?**

Gosto. Gosto de aprender e ensinar.

- **Trabalhou em muitas escolas?**

Trabalhei no Gama por dois anos, em Samambaia por um ano, em Taguatinga por um ano, na Asa Sul por mais 1 ano e agora no CEAN, que trabalho a seis anos. São experiências diferentes, com alunos diferentes e culturas diferentes. E dificilmente conseguimos mudar essa cultura dos alunos, e conseqüentemente o objetivo dos alunos é diferente. Se pegarmos as aulas de uma escola como o Galois, veremos que tudo gira em torno do capitalismo. Lembro de um fato que aconteceu na escola de Samambaia, quando um empresário propôs aos professores que eles incentivassem seus alunos a catar latas de alumínio, para poder vender pra esse empresário. Mas na realidade, o professor falou que era para o empresário propor essa idéia para os alunos do Galois, por que os alunos dele não iriam fazer isso. O papel do professor é educar seus alunos para serem pessoas bem sucedidas profissionalmente, e não formá-lo como um cidadão que não conseguirá um bom emprego. Então, o papel do professor tem que ser feito, se o aluno não quiser aproveitar, problema dele, mas o meu papel eu fiz.

- **Que funções já exerceu no contexto escolar?**

Trabalhei como professor de laboratório, já trabalhei como coordenador. Para a função de coordenador, fui escolhido por votação. Anualmente essa votação acontece e os professores votam entre sim quem será o coordenador durante um ano letivo.

- **Considera-se bem sucedido profissionalmente?**

Financeiramente não. Mas gosto de trabalhar como professor, apesar de ganhar muito pouco por isso. Certa vez fiz um concurso de vinte horas, para trabalhar no período noturno também, já que eu já trabalhava nos turnos da manhã e tarde. Mas não consegui ficar trabalhando os três turnos, por que passei a ganhar um pouco mais mas perdi totalmente a minha qualidade de vida. Se trabalhando 40 horas semanais a gente já leva trabalho pra casa, imagine trabalhando 60 horas semanais.

Esse assunto é um dos mais discutidos em reuniões de coordenação e em conselhos de classe. A vida útil do professor a cada dia que passa diminui mais e mais. Hoje um professor fica doente por causa da profissão muito rápido. O desgaste de ser professor é muito grande, ainda mais hoje que o professor não é visto na sociedade como era antigamente. Antigamente o professor era como se fosse um pai, tinha autoridade e todos o respeitavam. Hoje não é mais assim.

- **Se pudesse, teria outra profissão?**

Sim. Como a área de Química permite que eu também pesquise, essa é a área que eu atuaria também, que é a que estou fazendo atualmente.

- **Acredita que a formação é concebida como algo que se tem ou algo que se recebe?**

A nossa formação é trabalhada. O professor a cada dia tem que melhorar com seu trabalho, seu estudo, e se preparar para isso.

- **Em sua opinião, como se forma uma pessoa?**

Acredito que para se formar uma pessoa, tem que ter instituições de parceria: família, política social, escola. É uma questão de crença, com políticas educacionais eficientes e condições básicas para o ensino, para o professor e para o aluno. A educação realmente é o caminho.

- **Em sua opinião, há ligações entre a formação profissional e a formação pessoal? Quais seriam?**

Sem dúvida existe essa ligação. Essa ligação se dá quando tem uma motivação que leva cada indivíduo no caminho dessas realizações. Se, por exemplo, eu tenho um sonho e tenho condições para realizá-lo, eu vou em frente.

- **Como considera sua relação com os alunos em sala de aula?**

É uma relação difícil, pelo fato da complexidade de ensinar ciências. Como a Química é muito abstrata, é uma matéria difícil pro aluno entender. Daí acaba que eles não gostam da matéria e conseqüentemente não gostam do professor. Isso acontece com a maioria dos professores das ciências – física, química, matemática – e é muito difícil encontrar um professor bom nessas áreas, eu até queria conhecer um. Nenhuma escola dá boas condições para facilitar a vida do professor. É preciso ter laboratório, ter outras formas de avaliação, por que muitos alunos se sentem mal avaliados pelos professores, e acabam ficando com raiva de nós.

- **A quais causas atribui o cansaço decorrente da profissão docente?**

Tudo que a gente falou anteriormente causa esse cansaço profissional. O pior é pensar que nós, professores de Ciências, temos que passar por essas dificuldades e o nosso próprio meio de trabalho não nos ajuda. A ciência e a tecnologia surpreendem cada vez mais, mas ela não consegue melhorar o ambiente de trabalho de quem a ensina. A vida útil do professor a cada dia que passa diminui mais e mais. Hoje um professor fica doente por causa da profissão muito rápido. O desgaste de ser professor é muito grande, ainda mais hoje que o professor não é visto na sociedade como era antigamente. Antigamente o professor era como se fosse um pai, tinha autoridade e todos o respeitavam. Hoje não é mais assim. Não que eu acredite que o autoritarismo funcione, mas é necessário ter uma autoridade em sala de aula, que os alunos respeitem pelo menos. Conseqüentemente aumenta a pressão em cima dos professores para

que se consiga administrar essa nova geração. Por que como a gente sabe, a ciência muda a cada dia, e a maneira de ensinar deveria acompanhar essa mudança, mas o que a gente vê hoje é que essa maneira de ensinar não mudou.

- **Quais aspectos você considera agradáveis na sua profissão?**

Uma relação professor-aluno sadia. Trabalhar com pessoas que são “do bem”, diferentemente de um médico, que trabalha com pessoas doentes, ou de um policial, que trabalha com delinquentes. Trabalhar com pessoas que teoricamente querem um futuro bom na vida é uma qualidade da profissão.

Ensinar e aprender ao mesmo tempo também é muito bom.

- **Quais aspectos você considera desagradáveis na sua profissão?**

Ah! Tudo isso que já foi falado. Ultimamente tenho pensado muito numa forma de aumentar a “minha vida útil”. Estou com um projeto de dar aulas somente com o Power Point. Por que, veja bem, eu vou precisar escrever na lousa, evitando assim os problemas de tendinite ou simplesmente aquele cansaço muscular. Ainda vou diminuir a caminhada dentro de sala, posso também diminuir a quantidade de coisas que vou falar, visto que posso colocar muitas coisas para serem projetadas. Acredito que isso aumentaria a vida útil de muitos professores, caso eles também fizessem isso. É pelo menos uma forma que podemos utilizar a tecnologia a nosso favor.

Acho que é isso que deve ser feito, parar de simplesmente reclamar e buscar uma solução para os nossos problemas. A minha solução será essa.

- **Qual é a relação da sua vida pessoal com o seu trabalho?**

Não tem como separar a vida pessoal da profissional no caso do professor. Se você sai com a sua família para ir ao cinema, você encontra diversos alunos que sempre te chamarão

de “professor”, mesmo estando fora da sala de aula. Se você sai com um grupo de amigos para comer e se divertir, sempre o assunto “escola” entra na conversa, mesmo que nem todos ali sejam professores.

Eu acredito que as vezes isso prejudica. Eu não acho que o professor tem que ser um exemplo. Ele deve ensinar seus alunos tudo que é correto, mas não necessariamente ser perfeito. E alguns alunos confundem isso, acham que os professores devem ser exemplos e não cometer nenhum erro.

- **Fale de algum fato marcante que ocorreu em seu ambiente de trabalho.**

(Risos... um pouco de silêncio)

Acredito que os fatos marcantes que ocorreram no meu ambiente de trabalho eu não devo comentar. Ficar falando de coisas ruins não é bom. Normalmente, o que marca não é coisa boa. A única coisa que ainda posso evidenciar é que a relação professor-professor ainda deve melhorar muito. As picuinhas existentes da escola pioram muito o ambiente de trabalho.

- **Você conhece algum professor que se afastou ou está afastado da sala de aula por doenças causadas pela profissão?**

Ixi! Só lá na escola temos 4 professores afastados. Isso prejudica não só os professores, mas também os alunos, por que no lugar desses professores que estão afastados estão os professores temporários. E nessa confusão de “onde terminou a matéria” prejudica muito o rendimento do ensino. Uma professora está afastada com síndrome do pânico, a outra com depressão, e os outros dois casos por problemas físicos mesmo, e todos eles já estão a mais de meses afastados.